

Eu liguei a televisão numa tarde dominical e uau! A única imagem que vi foi muitas imagens sem significado, sem conteúdo, sem vida. O que mais eu vi?

Vi que perdia o meu tempo vendo o *Domingão do Faustão* com suas frases feitas sem maior alcance e conteúdo, as dançarinas rebozantes que as feministas não implicam e os olhos masculinos devoram, as músicas decadentes, as entrevistas medianas (para não dizer medíocres), as vídeos cassetadas e a cassetada mental do falso moralismo falsamente faustiano.

Os outros canais são tão semelhantes que tiram a aparência e o indivíduo apresentador, detalhes sobre a forma como a estupidez se manifesta, não tinha nada além disso. O jogo de futebol medíocre, pois a mediocridade tomou conta do esporte também, pois mais vale dinheiro no bolso do que bola na rede. As músicas decadentes, cada vez piores, conseguem o quase impossível: piorar o “impiorável”.

Ainda tem O Fantástico, o show da vida, que é mais um zumbi que sobrevive não se sabe como, e ainda tem filhos, no outro canal podemos ver o Domingo Espetacular. O show da vida não tem vida e o domingo espetacular não tem espetáculo. A televisão não tem nada a oferecer a não ser a distração e informações.

O mesmo se repete nos dias seguintes. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta. A mesma repetição. A mesma novidade. A mesma novidade repetida. Todo ano tem final de campeonato e campeão. Todo ano tem Palmeiras jogando, São Paulo atuando, Corinthians disputando. Todo ano tem programas televisivos como BBB, agora com musicais. Na TV a Cabo, muito mais escolhas! A variedade é muito maior, mas a repetição também. Além da repetição de filmes e programas, a repetição da diferença e

Revista Posição

da novidade. O baixo nível do Porta dos Fundos fica mais estúpido na TV que no Youtube, apesar de ter algum mérito. O mérito do Porta dos Fundos é quando consegue sair da sua mesmice dos palavrões e fazer alguma crítica. Pouco mérito para muitos vídeos. Ao invés da TV se enriquecer com as produções do youtube, o que faz é se empobrecer.

A diferença entre a Band News, Record News, Globo News e que o primeiro nome, pois o sobrenome, o formato, as notícias, são as mesmas. A diferença é tão pequena que seria necessário um microscópio para achá-las. Os canais infantis se tornaram aberrações de desenhos animados psicóticos, autistas e pós-modernos. É melhor deixar as crianças assistirem os canais adultos com censura para dezoito anos do que essas coisas medonhas que passam nos canais infantis.

A televisão é uma caixa grande (ou pequena, dependendo da classe social de quem a possui) ou um pedaço de madeira que passa imagens e sons que geralmente entorpecem as pessoas. Quando se trata de ficção (novelas, filmes, séries) é algo fora do mundo, no qual o personagem é a grande figura individual e individualista e somente o seu sucesso ou sofrimento é que importam. Não existe classe social, história de vida, contexto histórico e social. O rico é sempre rico, a não ser por incompetência e o pobre é sempre pobre. A corrupção existe e é investigada, condenada moralmente, mas não é explicada. A mágica da caixa chamada TV é justamente não explicar nada, pois nada pode ser explicado sem condenar a sociedade que gera o fenômeno a ser explicado. Ou então é explicado de forma moralista, individualista.

Os telejornais são repetitivos, incompletos, sensacionalistas, incapazes de mostrar a verdade, ou, pelo menos, toda a verdade. As notícias cotidianas falam de crimes e violência; as políticas falam de corrupção e leis mais bombásticas, as econômicas sobre dados estatísticos. E assim vai. Vai mal e nunca melhorar. Os comentaristas são risíveis, em sua superficialidade ou em suas fórmulas técnicas simplificadas ou simplificadoras. O telejornal é tão ficcional quando os filmes e novelas. A delícia do crime é um dos destaques, os acidentes e catástrofes ao lado dos

Revista Posição

atentados terroristas, mostram a necrofilia viva da TV e do público que é atraído por esse tipo de notícia. No fundo, são cadáveres assistindo cadáveres. Os idênticos se atraem.

O humor é sem graça. O fim do humor é o da TV. O lugar comum, o politicamente correto, as tiradas estúpidas e infantis (no sentido negativo da palavra), e agora o besteirol *Stand Up*, o novo filão do humor estúpido. Teve uma época que foi “menos ruim”. Os programas musicais são os enlatados norte-americanos de baixo nível, as competições musicais que exalam forma sem conteúdo, com raras exceções (vinda dos concorrentes e não dos promotores televisivos). A música atual é uma cópia diferente da TV atual. A diferença está em que é música e a semelhança está no resto: repetição, modismos, sensacionalismos, erotização e mais um monte de coisas que já sabemos.

Os programas televisivos. Começamos e terminamos por eles. Xuxa não morreu, Elvis sim. O sinal dos tempos é ficar com saudades dos shows televisionados de Elvis Presley! Love me Tender! Mil vezes isso que a Xuxa! Silvio Santos e Gugu Liberato!! Que mundo é esse em que alguém perde tempo vendo essas coisas horrorosas!! É o nosso mundo, a pobreza da TV é uma reprodução piorada da pobreza de nossas vidas e é por isso que as coisas horrorosas possuem audiência. É uma miséria para nos esquecer outra miséria. E o crítico, comentarista, se acha, como eu, numa situação melhor, pois está “criticando”. O crítico foi engolido pelo objeto criticado. O criador descobriu que sua criatura que ele também foi criado e que a criação é mais ampla e acima dessa relação entre crítico e TV. O crítico não ultrapassa o que critica, pois vive do que é criticado, já que é um mero crítico. Um crítico social, como eu, pelo menos está contextualizando e relacionando, indo até as raízes da “indústria cultural” ou se iludindo com suas pretensas críticas. A TV é um mal maior do que se pensa, ela é um padrão. De comportamento, de valores, de análise. A internet alterou isso, não? Não, ela é apenas uma TV na qual o telespectador é um personagem teleguiado que acha que é o roteirista. A Internet é uma extensão da TV.

Revista Posição

Não é possível nada de bom através da TV? A internet não é uma alternativa? A TV pode trazer informações e momentos de distração com qualidade razoável, se selecionarmos bem, se formos críticos, se ir além dela, se tivermos sorte, entre outros procedimentos. A internet também. O problema é que vai sobrar o tédio e a falta de opção. Existe música para os intelectuais exigentes, elitista. Não existe tal TV, nem na por assinatura. Existe música crítica para os intelectuais engajados e militantes. Não existe isso na TV. Enquanto não desligarmos a TV e ligarmos nosso cérebro e usá-lo para criar uma utopia, vamos continuar sendo mediocrizados, vilipendiados, infantilizados, animalizados, desinformados, maltratados, controlados, pela TV.

Em poucas palavras, “a televisão me deixou burro, burro demais” (Titãs).